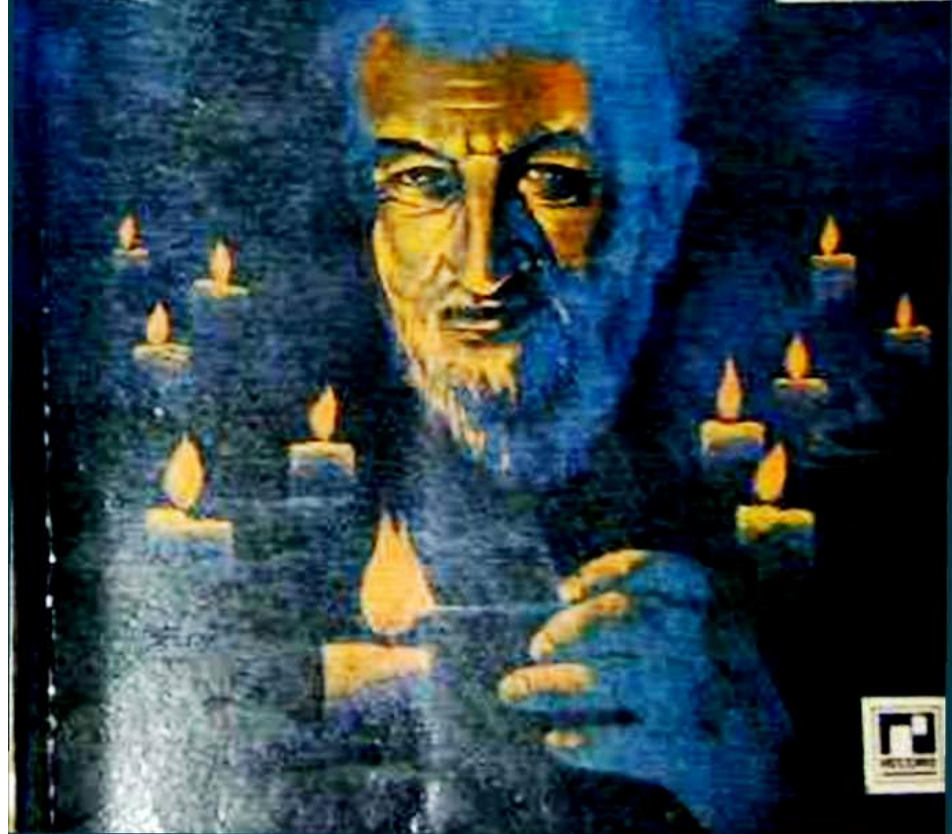


LOBSANG RAMPA

AUTOR DE "A TERCEIRA VISÃO"

A CHAMA SAGRADA

7.ª EDIÇÃO



LOBSANG RAMPA

A Chama Sagrada

6^a. Edição

Tradução de
RUY JUNGMANN

EDITORA RECORD

*Dedicado a: Cleópatra, a mais inteligente pessoa que conheci
e a Tadalinka, a mais clarividente e telepata.*

*Estas pequenas gatas siamesas mostraram grande
compreensão e simpatia.*

Jamais digam, na minha presença: "Estúpidos animais."

Elas são PESSOAS, inteligentes e civilizadas.

A Verdade das verdades.

A CHAMA SAGRADA

Serão economizadas muitas palavras se eu lhes disser por que escolhi este título. Afirma-se que "É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão".

Nos meus primeiros dez livros tentei acender uma vela, ou, possivelmente, duas. Neste, no undécimo, tento alimentar as chamas.

ÍNDICE

1. QUANTO MAIS SE APRENDE, MAIS SE PRECISA APRENDER
2. NUNCA RESPONDA ÀS CRÍTICAS: FAZÊ-LO IMPLICA DEBILITAR SEU ARGUMENTO
3. EMBORA PERTO A SENDA CORRETA, LONGE PROCURA-A A HUMANIDADE
4. O ÊXITO É A CULMINAÇÃO DE TRABALHO ÁRDUO E DE PREPARAÇÃO EXAUSTIVA
5. CEM HOMENS PODEM CONSTITUIR UM ACAMPAMENTO; BASTA UMA MULHER PARA CONSTRUIR UM LAR
6. O TEMPO É A COISA MAIS VALIOSA QUE UM HOMEM PODE DESPENDER
7. FAÇA MAL AO PRÓXIMO E FARÁ MAL A SI MESMO
8. SE VOCÊ NÃO ESCALAR A MONTANHA, NÃO PODERÁ VER A PLANÍCIE
9. LEMBREM-SE DE QUE A TARTARUGA SÓ PROGRIDE QUANDO ESTICA O PESCOÇO
10. NÃO SE PODE POLIR A GEMA SEM ATRITO NEM APERFEIÇOAR O HOMEM SEM PROVAÇÕES
11. É PRECISO CONSERVAR A BOCA ABERTA DURANTE MUITO TEMPO ANTES QUE PARA ELA VOE UMA PERDIZ ASSADA
12. SE VOCÊ NÃO ACREDITA NOS DEMAIS, COMO PODE ESPERAR QUE ACREDITEM EM VOCÊ?

A RAÇA DE TAN

*De cobre é este homem,
Um homem de brancura diuturna,
Amarelo é esse homem,
Homem da escura noite...
Das quatro principais cores,
Todas conhecidas como Homem,
Virá a unidade do amanhã
Formando a Raça de Tan.*

*Poema de W. A. de Munnik Edmonton,
Alberta, Canadá*

CAPÍTULO 1

QUANTO MAIS SE APRENDE, MAIS SE PRECISA APRENDER

A carta era curta, seca e não se perdia em rodeios: "Senhor", dizia, "por que desperdiça tanto papel em seus livros? Quem é que gosta de ler essas descrições bonitinhas sobre o Tibete? Diga-nos, em vez disso, como ganhar o Sweepstake irlandês." A segunda explorava, muito bem, o mesmo tema. "Querido Dr. Rampa", escrevia o impudente jovem. "Por que perde tanto tempo escrevendo sobre a PRÓXIMA vida? Por que não nos ensina a ganhar dinheiro nesta? Quero saber como ganhar dinheiro, agora. Quero saber como obrigar as moças a fazerem o que eu quero, agora. Que me importa a próxima vida, se estou ainda tentando viver esta?"

O Ancião pos de lado as cartas e reclinou-se, sacudindo tristemente a cabeça. "Só posso escrever à minha maneira", disse. "Estou escrevendo sobre a VERDADE, não sobre ficção. Neste caso..."

O nevoeiro cobria, espesso, o rio. Tentáculos de bruma rodopiando, enroscando-se, cheirando a esgoto e a alho, estendiam antenas amarelas de um lado para outro, como criatura viva à procura da entrada de uma habitação. Da água invisível subiu o apito urgente de um rebocador, seguido pelos gritos furiosos dos *paíóis* franco-canadense. No alto, um sol vermelho-escuro lutava para perfurar a escuridão mal-cheirosa. O Ancião, sentado em sua cadeira de rodas, olhou enojado em volta do úmido edifício. A água gotejava tristemente de alguma apodrecida parede de concreto. Uma brisa passageira acrescentou nova dimensão ao mundo de odores conjurado pelo nevoeiro — cabeças de peixe podres. "*Pah!*" murmurou o Ancião. "Que lixo nojento!" Com esse profundo pensamento, impulsionou a cadeira de volta ao apartamento e fechou a porta.

A carta deslizou pela caixa do correio. O Ancião abriu-a e fungou: "Corte de água hoje à noite", disse, "e tampouco aquecimento." Em seguida, como se lhe ocorresse um segundo pensamento: "É diz que durante algumas horas não haverá luz em virtude do rompimento de uma tubulação, ou alguma outra coisa."

"Escreva outro livro", disse o Povo do Outro Lado da Vida. E assim o Ancião, o Ancião da Família, saiu à procura de sossego. Sossego? Rádios estridentes, trovejantes altas-fidelidades, e crianças guinchando em todo o edifício. Paz! Transeuntes de boca aberta olhando pelas janelas, batendo em portas, exigindo respostas a perguntas estúpidas.

Um monte de lixo onde não há paz, um bloco vazio onde coisa alguma é escrita sem um esforço imenso. Um cano vaza. Comunica-se. Muito depois, chega um bombeiro para examiná-lo pessoalmente. Comunica o fato ao superior, o Superintendente do Edifício. ELE vem ver antes de comunicar "ao Escritório". "O Escritório" comunica o fato ao seu Superior. Ele apanha o telefone e há uma conferência. Muito mais tarde, chega-se a uma decisão. É transmitida do "Escritório de Montreal" ao Superior, que diz ao Superintendente do Edifício, que diz ao bombeiro, que diz ao inquilino, "Na próxima semana, se tivermos tempo, nós o consertaremos."

"Um nojento monte de lixo" foi assim que uma pessoa o descreveu. O Ancião não dispõe de modo assim tão delicado de descrever o lugar. Atos falam mais alto do que palavras. Muito antes de expirar o contrato, o Ancião e Família partiram para não morrer em ambiente tão esquálido. Jubilosos, voltaram à Cidade de Saint John, onde, em virtude das pressões e tensões de Montreal, o estado do Ancião piorou rapidamente até que, muito tarde da noite, um telefonema urgente pediu uma ambulância, um hospital...

A neve macia descia mansamente como pensamentos que caem dos céus. Uma leve camada de branco criou a ilusão da cobertura de um bolo de Natal. No exterior, os vitrais da catedral brilhavam na escuridão e lançavam vermelhos, verdes e amarelos vivos sobre a neve que caía. Bem de leve, subiram os sons de um órgão e o cantochão sonoro de vozes humanas. Mais alto, diretamente abaixo da janela, veio a música de um gato cantando ardentemente de amor.

O chiado de pneumáticos na rua coberta de neve, o clangor metálico de portas de carro que se fechavam, o ruído baixo de pés calçados de galochas. Um novo grupo a caminho da

missa vespertina. As batidas solitárias do sino tenor, exortando os atrasados a que se apressassem. Silêncio, salvo pelo zumbido abafado do tráfego distante na cidade. Silêncio, salvo pelo gato amoroso a cantar sua canção, parando à espera de uma resposta, recomeçando.

Através de uma vidraça quebrada da catedral, destruída por um vândalo adolescente, um vislumbre do sacerdote em vestes talaras à frente de solene procissão, seguido por garotos do coro, gingando e brincando, cantando e soltando risinhos ao mesmo tempo. O som do órgão elevou-se e diminuiu. Logo depois, o sussurro de uma voz solitária entoando antigas preces, o rolar do órgão e mais uma vez, um vislumbre das figuras nas suas opas voltando à sacristia. Logo depois, o som de numerosos passos e a batida de portas de automóvel. O seco latido de motores que pegavam, o arranhar de engrenagens e o chiado de rodas enquanto os veículos em torno da catedral afastavam-se no início de uma nova noite. No grande edifício as luzes foram apagadas uma a uma até que, por fim, somente restou a pálida lua, dardejando seus raios de um céu sem nuvens. Parara a nevasca, os fiéis haviam desaparecido, e até mesmo o ansioso gato se afastara em sua eterna busca.

No hospital, situado em frente da catedral, a turma da noite entrava em serviço. No Posto das Enfermeiras, defronte dos elevadores, um solitário interno dava instruções de último instante sobre o tratamento de um doente grave. As enfermeiras conferiam as bandejas de drogas e pílulas. Irmãs escreviam seus relatórios, enquanto um enfermeiro afogueado explicava que se atrasara porque fora detido por um policial, acusado de excesso de velocidade.

A pouco e pouco, o hospital preparou-se para a noite. Avisos de "Nenhum desjejum" foram afixados às camas dos

pacientes que deviam ser operados no dia seguinte. Numerosas luzes morreram. Atendentes de branco dirigiram-se para uma cama escondida por um biombo. Silenciosamente, uma maca de rodas foi levada para trás do biombo. Grunhidos quase inaudíveis e instruções murmuradas, e uma figura imóvel, inteiramente coberta por um lençol, saiu empurrada. Sobre rodas sussurrantes, o fardo foi cuidadosamente transportado pelo corredor. Atendentes silenciosos esperaram até que o elevador parasse e, como se motivados por um único pensamento, os dois moveram-se em unísono e empurraram a maca para o elevador, a caminho do necrotério no porão e ao grande refrigerador que parecia um imenso arquivo, o repositório de tantos corpos.

As horas arrastaram-se parecendo que cada relutante minuto abominava renunciar ao seu curto tempo de vida. Aqui, um paciente respirava em estertores; ali, outro virava-se na cama e gemia de dor. De um cubículo lateral, saiu uma voz rachada de velho, chamando incessantemente a esposa. O leve chiado de solas de borracha sobre o assoalho de pedra, o ruge-ruge de tecidos engomados, o estalido de metal contra vidro e a voz lamentosa cessou e foi, em seguida, substituída pelos roncos que subiam e desciam no ar noturno.

Na rua, a sirena insistente de um carro de bombeiros levou muitos pacientes insones a perguntar-se "Onde teria sido?", antes de recaírem na introspecção e no medo do futuro. Através da janela entreaberta chegou o gorgolejar áspero de um farrista retardatário, vomitando violentamente nas lajes da rua. Uma praga abafada no momento em que alguém lhe gritou e uma fieira de ave-marias quando os vapores do álcool o fizeram vomitar novamente.

O Anjo da Morte continuou na sua piedosa missão, levando descanso ao torturado sofredor, encerrando, por fim, a luta sem esperança de uma pessoa devastada pelo câncer. Os estertores cessaram e ocorreu uma rápida e indolor contração quando a alma deixou o corpo. Os atendentes com a padiola de rodas sussurrantes aproximaram-se mais uma vez, e uma segunda. Ele, o último, era um conhecido político. Pela manhã, a imprensa sensacionalista daria uma busca em seus arquivos e publicaria as habituais inexatidões e deslavadas mentiras — como sempre.

Num quarto debruçado sobre o pátio da catedral e de onde um vislumbre passageiro podia ser obtido do mar na baía de Courtenay, o velho budista jazia inerte, acordado, sofrendo dores. Pensando, pensando em muitas coisas. Um ligeiro sorriso brincou-lhe nos lábios e logo desapareceu ao pensar no incidente ocorrido cedo naquele dia. Uma freira entrara, uma freira de aparência mais santa do que a habitual. Olhou com tristeza para o velho budista, com uma lágrima brilhando nos cantos de cada olho. Tristemente olhou-o e deu-lhe as costas.

— O que é que há, irmã? — perguntou o velho budista. A senhora parece muito triste.

Ela encolheu os ombros e exclamou:

— Oh! É triste. O senhor irá diretamente para o inferno!

O velho budista sentiu que a boca se lhe abria de espanto.

— Direto para o inferno? — perguntou, curioso. — Porquê?

— Porque o senhor é budista, e apenas os católicos vão para o céu. Outros cristãos vão para o purgatório. Budistas e outros incrédulos vão diretamente para o inferno. Oh! Um velhinho tão bom como o senhor, e ir diretamente para o inferno. É tão triste! — Apressadamente saiu, deixando ao espantado velho budista uma charada para decifrar.

O Anjo da Morte continuou sua obra, entrou no quarto e olhou para o velho budista. O Ancião devolveu-lhe o olhar.

— Libertação, por fim, hem? — perguntou. — E já era hora. Pensei que você nunca viria.

Suavemente, o Anjo da Morte ergueu a mão direita e estava prestes a colocá-la sobre a cabeça do Ancião, quando, de súbito, o ar do quarto estalou e uma Figura Dourada apareceu na escuridão azulada das sombras da meia-noite. O Anjo deteve a mão a um gesto do Visitante.

— Não, a hora ainda não chegou! — exclamou a amada voz.

— Há mais a fazer antes de voltar para casa.

O Ancião suspirou. Nem mesmo a visão do Lama Mingyar Dondup podia consolá-lo do prolongamento ulterior de sua estada na terra, uma terra que o tratara tão mal graças ao ódio nutrido e encorajado por uma imprensa pervertida. O Lama Mingyar Dondup voltou-se para o Ancião e explicou:

— Há ainda outro livro a ser escrito, mais conhecimentos a serem transmitidos. E um pequeno trabalho a respeito de auras e fotografia. Apenas um pouco mais.

O Ancião gemeu em voz alta. Tanto, sempre, a fazer, tão poucos a fazer, uma carência tão crônica de dinheiro. E de que modo se poderia comprar equipamento sem dinheiro?

O Lama Mingyar Dondup permaneceu ao lado da cama. Ele e o Anjo da Morte entreolharam-se e grande volume de informações telepáticas foi trocado por eles. O Anjo inclinou a cabeça e, devagar, retirou-se e saiu para continuar em outra parte sua obra piedosa, pondo um ponto final no sofrimento, libertando almas imortais aprisionadas na argila da carne.

Durante um momento não se ouviu som naquele quarto de hospital. No lado de fora, os ruídos noturnos habituais: um

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

